

ESFORÇO PRODUTIVO REDOBRADO EVITA RECUOS NA ECONOMIA E SETOR FLORESTAL MANTÉM-SE COM RESULTADOS POSITIVOS

Apesar dos desafios que as economias do Brasil e de outros países importantes no cenário econômico mundial têm enfrentado, medidas do governo brasileiro, esforços do setor empresarial e algumas reações positivas de setores da economia mundial têm permitido ao setor florestal se manter com um desempenho e perspectiva levemente positiva ao longo deste ano de 2013. A análise conjuntural do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) acompanha a dinâmica dos vários segmentos do setor florestal neste mês de novembro de 2013.

Segmento de Celulose e Papel

De janeiro a outubro de 2013, o segmento brasileiro de celulose e papel apresentou bom desempenho, com crescimento da produção e das exportações.

A produção de celulose no Brasil cresceu 11,3% em setembro deste ano, na comparação com setembro de 2012 e alcançou 1,3 milhões de toneladas (BRACELPA, 2013). Por sua vez, as vendas domésticas do insumo ficaram estáveis no período, enquanto as exportações subiram 16,7%.

No acumulado do ano até setembro, a produção de celulose atingiu 11,1 milhões de toneladas, avanço de 6,6% sobre o mesmo período do ano passado. As exportações subiram 13,7%, em termos de valor exportado, comparando janeiro a outubro de 2012 com o mesmo período de 2013. Em outubro de 2013, as exportações cresceram 15,6% em relação ao mês anterior (MDIC, 2013). A BRACELPA prevê que as exportações brasileiras de celulose devem encerrar o ano com expansão de 8% a 10% em relação a 2012.

Já o preço médio da celulose de fibra curta, em São Paulo, ficou relativamente estável de janeiro a outubro deste ano. Em outubro, este apresentou uma queda de 2,6% em relação a setembro, saindo de US\$796,52 para US\$775,29 (CEPEA, 2013). Segundo a BRACELPA, a produção de papel em setembro foi de 862 mil toneladas, alta de 0,8% em relação a 2012. No ano, a produção do insumo cresceu 1,4%, totalizando 7,8 milhões de toneladas. Por sua vez, as vendas internas de papel em setembro

foram de 498 mil toneladas, alta de 1,6% em relação ao mesmo mês de 2012, e cresceram 2,7% no acumulado do ano.

Em termos de comércio exterior, as exportações de papel cresceram 6,6% em outubro deste ano, em relação ao mês anterior. No acumulado de janeiro a outubro de 2013, em relação ao mesmo período de 2012, as exportações têm se mantido relativamente estáveis (MDIC, 2013).

O preço médio do papel A4, em São Paulo, fechou o mês de outubro deste ano em R\$3.278,02 a tonelada, ficando estável em relação ao mês anterior (CEPEA, 2013). Já o preço médio do papel com gramatura igual ou superior a 70 g/m² foi de R\$3.224,59 a tonelada em outubro, o que representou um acréscimo de 0,2% em relação a setembro.

Especificamente no segmento de papel, a sinalização é menos otimista, com a possibilidade de retração das exportações, segundo a BRACELPA. No entanto, em janeiro de 2014, entrará em vigor o RECOPI Nacional que permitirá às Secretarias da Fazenda acompanhar o destino do papel imune comercializado em cada Estado. Ambas as medidas contribuirão para erradicar o ilícito fiscal que causa distorções no mercado brasileiro de papel.

Segmento de Madeira Processada

No mês de outubro de 2013, as exportações de madeira e derivados foram de US\$184,1 milhões, representando um aumento de 18% em relação ao mês anterior e quebrando a queda consecutiva dos últimos cinco meses. Já as importações, em setembro de 2013, foram de US\$12,4 milhões, representando um aumento de 13% em relação a setembro último. Esses números parecem indicar uma melhoria das atividades madeireiras que geralmente ocorrem no final do ano, por ocasião do natal e recebimento do décimo terceiro salário. Portanto, em outubro, o saldo na balança comercial teve um aumento de 18,8% em relação ao mês anterior, alcançando US\$171,6 milhões. No acumulado do ano de 2013, de janeiro a outubro, as exportações totalizaram US\$1.645,6 milhões, apresentando um aumento de 5,2%, comparado ao mesmo período do ano passado. As importações de janeiro a outubro de 2013 totalizaram US\$122,1 milhões e foram 13,2% inferiores ao mesmo período de 2012. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2013 é de US\$1.523,5 milhões, 7% maior que igual período do ano passado. Esses números indicam uma

retomada do crescimento no último mês e que as indústrias madeireiras têm apresentado desempenho um pouco melhor que o ano passado (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Outubro de 2012 e 2013, em 1000 US\$

MÊS	2013			2012			Variação % entre os anos		
	EXP	IMP	SALDO	EXP	IMP	SALDO	EXP	IMP	SALDO
JAN	140.583	14.367	126.216	134.418	16.686	117.732	4,6	-13,9	7,2
FEV	151.817	10.851	140.966	153.952	12.331	141.621	-1,4	-12,0	-0,5
MAR	163.586	12.951	150.636	183.004	16.275	166.729	-10,6	-20,4	-9,7
ABR	178.206	13.252	164.955	155.764	10.721	145.043	14,4	23,6	13,7
MAI	179.158	12.496	166.662	163.124	13.694	149.430	9,8	-8,7	11,5
JUN	167.739	10.190	157.550	152.732	12.058	140.674	9,8	-15,5	12,0
JUL	163.027	11.330	151.697	158.419	13.959	144.460	2,9	-18,8	5,0
AGO	161.976	13.260	148.716	165.488	14.064	151.424	-2,1	-5,7	-1,8
SET	155.501	10.998	144.503	141.535	14.008	127.527	9,9	-21,5	13,3
OUT	184.082	12.448	171.634	156.210	16.920	139.289	17,8	-26,4	23,2
Acumulado	1.645.676	122.141	1.523.534	1.564.646	140.717	1.423.929	5,2	-13,2	7,0
Variação % entre OUT e SET	18,38	13,19	18,78	10,37	20,79	9,22			

Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores.

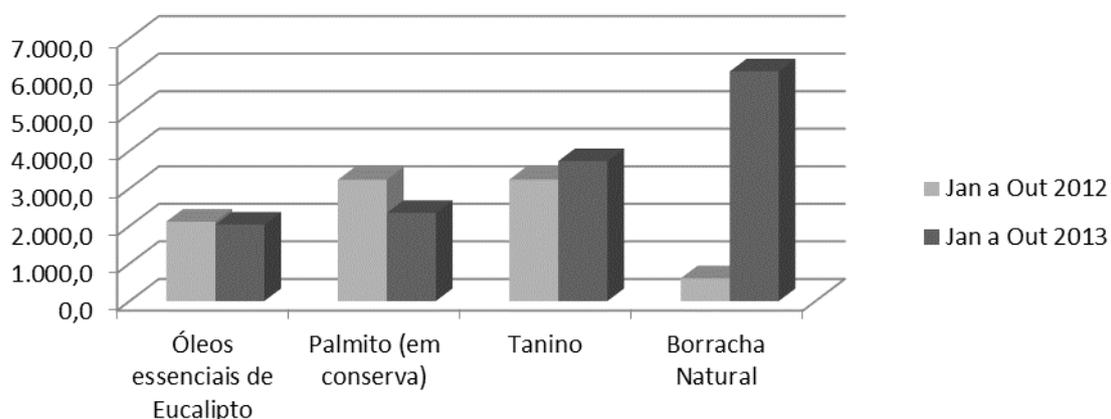
A Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (ABIMCI), em parceria com Fórum Nacional de Atividades de Base Florestal (FNABF), programaram para os meses de novembro e dezembro uma série de ações que marcam o lançamento do Estudo Setorial 2013. O novo estudo, que não era produzido há cinco anos, compila os principais dados socioeconômicos e traça um panorama sobre o atual momento da indústria de madeira no país. Um número que chama a atenção é o do saldo da balança comercial do setor de base florestal, que em 2012 foi de US\$ 6,9 bilhões, representando 35,4% do total do superávit brasileiro.

O Estudo Setorial revelou ainda que a indústria de base florestal somou 81,2 mil empresas ativas em 2012. Desse total, a indústria de madeira processada mecanicamente é responsável por 72%, ou seja, 58,2 mil empresas ativas no referido período. Além disso, o setor mostrou crescimento no número de empregos diretos, passando de 706 mil para os atuais 735 mil.

Produtos Florestais Não-Madeireiros

Neste ano, até o mês de outubro, as exportações dos principais produtos florestais não madeireiros foram de US\$145,5 milhões, representando uma diminuição de 25,2% em relação ao ano anterior. Os valores alcançados na exportação tiveram uma diferença expressiva, porém, os volumes (t) correspondentes pouco diferiram, sendo equivalente a 33.833,9 t em 2013 e 34.606,2 t em 2012, o que representou uma diminuição em volume de apenas 2,2% dos seis produtos exportados. As exportações da castanha-do-brasil para este ano (20,4 milhões) foram menores em 10,1%, quando comparadas às do ano passado (US\$22,7 milhões), enquanto as da castanha-de-caju foram 31,8% menores.

Em relação às exportações de palmito, tanino e borracha natural (Figura 1), destaca-se a exportação de borracha natural para 2013 (6,1 milhões) que foi muito superior ao ano passado (605,4 mil). Uma das razões para esse aumento significativo pode ser o estímulo do Governo, através de linhas de crédito como o Pronaf ECO Seringueira, específico para heveicultores, que beneficiam principalmente pequenos produtores e membros da agricultura familiar, com acesso a financiamentos de até R\$80 mil e taxa de juros de 2% ao ano.



Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores

Figura 1 – Exportações, em 1.000U\$ FOB, de Alguns Produtos Florestais Não Madeireiros no Período de Janeiro a Outubro de 2012 e 2013.

As exportações de óleo de eucalipto, de janeiro a outubro do ano passado, foram de U\$S 2,1 milhões, o equivalente a 126,9 t. Neste ano, as exportações foram de 2 milhões, correspondendo a 126,1 t, ou seja, 3,8% menor que no ano passado. As importações de Produtos Florestais Não-Madeireiros selecionados, de janeiro a outubro, foram de US\$171,5 milhões (Quadro 2), representando uma diminuição de 20,7% em relação a 2012. Esses números refletem a alta importação de castanha-de-caju junto aos países africanos em 2012, para atendimento dos compromissos previamente agendados que foram penalizados devido à seca e quebra da safra. Dentre os seis produtos não madeireiros aqui citados, dois deles não foram importados: a castanha-do-brasil este ano e o palmito (em conserva) para os anos de 2012 e 2013.

Quadro 2 - Importações dos Principais Produtos Florestais Não-Madeireiros Selecionados no Período de Janeiro a Outubro de 2012 e 2013.

PRODUTOS	Janeiro a outubro - 2012		Janeiro a Outubro 2013	
	1.000 U\$S FOB	Peso líquido (ton)	1.000 U\$S FOB	Peso líquido (ton)
Castanha do Pará	1.921,5	223,2	0,0	0,0
Castanha de Caju	46.090,6	44.622,0	29.477,9	42.192,9
Óleos essenciais de Eucalipto	1.986,6	148,2	2.308,5	186,0
Tanino	4.180,8	2.117,5	836,9	377,2
Borracha Natural	161.933,5	51.576,9	138.852,8	53.799,4
TOTAL	216.112,9	98.687,9	171.476,1	54.499,2

Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores

O mercado interno de alguns produtos não-madeireiros é ainda muito pouco explorado, ensejando um elevado potencial a ser conquistado. Nesse sentido, com a aproximação do fim de ano, reforça-se a possibilidade de aumento do consumo interno

por ocasião da compra de produtos natalinos, aliado também ao décimo terceiro salário.

Segmento Moveleiro

O setor moveleiro, em outubro-novembro, mostra-se um pouco melhor do que em agosto, com aumento das exportações e reduções nas importações, ainda que de modo pouco expressivo. Por um lado, a presença de um forte mercado consumidor interno, diferenciado e crescente, mesmo em tempo de crise, tem sustentado a performance desse importante segmento da indústria nacional. A valorização da moeda americana, por outro lado, pode estar colaborando para aumentos relativos de compras pelo mercado externo. A presença de estoques, segundo “Sondagem Industrial-Setembro 2013” da Confederação Nacional de Indústria (CNI), tem sido também um forte aliado das empresas para atendimento desses mercados nesse trimestre e, possivelmente, o será no próximo.

Com relação ao mercado externo, em outubro de 2013, as exportações foram 7% maiores do que as de outubro de 2012, e 9% maiores do que as do mês anterior, setembro de 2013. Esse foi o segundo melhor resultado das exportações de móveis nos últimos dois anos. Um crescimento em meio a mercados em crise ou em instabilidade. A valorização da moeda americana pode explicar parte desse bom desempenho em outubro e que deve continuar até o final do ano. Entretanto, ainda continua evidente que o setor permanece no mesmo patamar de anos anteriores, sem avanços significativos nos valores exportados, aquém do seu potencial e do potencial de mercado. Vê-se que no acumulado, de janeiro a outubro, tanto de 2012, quanto de 2013, as exportações, praticamente, se equiparam num patamar de US\$360 milhões. Carga tributária, custo de matéria prima, dentre outros, são fatores que continuam obstaculizando o aumento da competitividade da indústria nacional. Ações eficazes nesse sentido são cada vez mais necessárias para atender demandas futuras crescentes e para se ampliar investimentos.

Em outubro, as importações brasileiras de móveis interromperam uma sucessão de aumentos consecutivos, apresentando uma queda de 22% em relação ao mesmo mês de 2012 e queda de 7% em relação ao mês anterior, setembro de 2013. Essas oscilações nos valores importados podem ser explicadas, em parte, pela estratégia dos varejistas em atender nichos de mercado, principalmente, das classes sociais emergentes. A taxa cambial pode também estar afetando os valores importados. Com

o dólar mais caro, as importações tendem a diminuir. No acumulado, de janeiro a outubro, essas somaram cerca de US\$21 milhões, sendo 4% menores do que o valor daquelas ocorridas entre janeiro a outubro de 2012 (Quadro 3).

Quadro 3 – Exportações e Importações Totais de Móveis de Janeiro a Outubro de 2012 e 2013 (1000US\$ FOB)

MESES	EXPORTAÇÕES TOTAIS		VARIAÇÃO	IMPORTAÇÕES TOTAIS		VARIAÇÃO
	2012	2013	2013-2012	2012	2013	2013-2012
JAN	27.620	26.656	-3%	1.500	2.206	47%
FEV	33.067	32.286	-2%	1.922	2.192	14%
MAR	35.463	33.341	-6%	2.997	2.593	-14%
ABR	32.385	36.601	13%	1.040	2.903	179%
MAI	38.773	40.429	4%	2.882	1.109	-61%
JUN	36.281	35.658	-2%	1.651	889	-46%
JUL	37.196	38.831	4%	1.613	1.725	7%
AGO	45.289	39.054	-14%	2.088	2.025	-3%
SET	35.374	37.876	7%	3.128	3.022	-3%
OUT	39.336	41.480	5,5%	3.600	2.806	-22%
TOTAL	360.785	361.563	0,2%	22.423	21.473	-4%

Fonte: MDCI (2013), elaborada pelos autores

A permanecer o quadro atual de relativa estabilidade na produção, exportações e importações, as previsões de crescimento para 2013 não devem se concretizar. As associações e empresários não devem se contentar com o *status quo* atual do setor, mas perseguirem políticas mais factíveis e atuações mais eficazes na redução de custos, na inovação tecnológica e na ampliação de investimentos que resultem na conquista de novos patamares de produção e venda, tanto no mercado interno quanto externo.

Segmento de Carvão para Siderurgia

O preço do carvão vegetal em novembro de 2013, referente ao preço médio para o Estado de Minas Gerais, segundo dados da Associação Mineira de Silvicultura (AMS), alcançou o valor de R\$515/t, sutil queda de 0,6%, quando comparado ao do

mês de outubro, o que não afeta a ascensão gradativa do preço do carvão vegetal em Minas Gerais desde o início deste ano.

Para os produtores de carvão do Mato Grosso do Sul, a situação é ainda melhor. Depois de redução de 9,4% no início desse mês de novembro, o governo estadual reajustou em cerca de 50% o valor real do carvão vegetal. O aumento na pauta fiscal já era previsto pelo setor siderúrgico e industrial do carvão.

“Foi feito um acordo com o governo, que instituiu uma tabela progressiva assim que os preços em Minas Gerais recuperassem”, afirma o presidente do Sindicarv (Sindicato das Indústrias e dos Produtores de Carvão Vegetal de Mato Grosso do Sul), Marcos Brito. Minas Gerais é o principal mercado comprador do carvão produzido no Estado.

Desde o dia 12 de novembro, o metro cúbico do carvão vegetal no Mato Grosso do Sul para uso industrial passou de R\$82,50 para R\$123,65. O valor da tonelada aumentou de R\$330 para R\$494,60 e do quilo de R\$0,33 para R\$0,49. O reajuste de 50% na pauta fiscal também é válido para o carvão vegetal de uso doméstico. Nas operações internas, o carvão utilizado para uso doméstico tem valor de R\$1,15 por kg e R\$287,50 por metro cúbico. Nas operações interestaduais, o quilo custa R\$0,72 e o metro cúbico R\$180.

A demanda por aço no mercado brasileiro pode fechar o ano melhor do que o previsto, caso se repitam na reta final do trimestre os desempenhos vistos em setembro e outubro. De acordo com especialistas do setor, a procura a partir do segundo semestre se mostrou mais firme do que o esperado pelas usinas e distribuidoras de aços planos.

Com isso, os fabricantes desse tipo de produto, que é usado desde a construção civil até a montagem de carros leves e pesados, devem apresentar resultados mais sólidos nos balanços financeiros de outubro a dezembro. As três grandes siderúrgicas do país - Usiminas, CSN e Arcelor Mittal - devem se beneficiar desse cenário.

Outro fator considerado favorável é a desaceleração das importações de produtos acabados, principalmente da China, a partir de outubro. Devem desembarcar no país os últimos lotes adquiridos com o câmbio entre R\$1,90 e R\$2,00. Com a valorização do dólar, que alcançou R\$2,34, no último dia 12 de outubro, os negócios de importação foram fortemente reduzidos. Entre o fechamento da compra e o desembarque do produto nos portos brasileiros, levam-se no mínimo três meses.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio (MDIC), em outubro, as exportações de ferro gusa totalizaram US\$106,2 milhões e 269,7 mil t, queda de 11,8% e 6% em valor e quantidade, respectivamente, quando comparado ao mesmo mês de 2012. Ao que tudo indica, o ferro gusa tem sido consumido no mercado interno, suprimindo a redução das importações.

Segundo o site Valor.com.br, o consumo aparente de aços planos no país, que fechou os nove meses do ano com alta de 3,3%, sinaliza retomada de fôlego para 4% a 4,5% no ano, na comparação com 2012, aponta Carlos Loureiro, presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda). O consumo aparente do mercado é a soma das vendas internas com o montante importado.

A previsão é que as vendas internas relativas aos aços planos e laminados fabricados no país alcancem expansão de 7% frente a 2012, acima das últimas projeções do setor, em torno de 5%. De janeiro a setembro, o volume comercializado cresceu 5,6% em relação a igual período do ano passado.

Esse cenário trouxe mudança de expectativa para o desempenho da rede de distribuição de aço. Sem nenhuma euforia, o Inda já trabalha com um fechamento de vendas no ano bem melhor. "Começamos 2013 com previsão de crescer 6%, mas baixamos para 2% em julho. Agora, já revisamos para 5% a 5,5%", informa Loureiro.

Diante do exposto, o que se observa é que o mercado de carvão vegetal para siderurgia deverá fechar o ano positivo, principalmente quando comparado com os resultados dos últimos anos, que sempre tinham resquícios de um pós crise.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Engenharia Florestal

Camila Brás Costa – Eng. Florestal, M.Sc. em Ciência Florestal

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.